

PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO, TROCA E CONSUMO DE SERVIÇOS NO CAPITALISMO MONOPOLISTA DE ESTADO – UMA LEITURA DE “O CAPITAL”

*PRODUCTION, CIRCULATION, CHANGE ET CONSOMMATION DE
SERVICES DANS LE CAPITALISME MONOPOLISTE D'ETAT –
UNE LECTURE DU “LE CAPITAL”*

*Armando Corrêa da SILVA**

RESUMO: Neste trabalho o autor faz uma leitura de O Capital de Karl Marx a partir da definição feita pelo mesmo a propósito de Serviço, aqui desenvolvendo-se o tema da existência de um Capital de Serviço e de uma reprodução ampliada composta e relacional do capital, assim como o conceito de uma mais-valia relacional ou composta. O texto foi escrito em 1982 e não faz referência a nenhum país ou formação sócio-econômica.

Palavras-chave: capital de serviços; reprodução ampliada do capital; valor de valor; economia política; marxismo.

RESUMÉ: Dans ce papier l'auteur fait une lecture de Le Capital de Karl Marx a partir d'une définition faite par lui-même a propos de Service, ici en development de thème de la existence d'un Capital de Service et d'une reproduction amplié composé et relacional du capital, aussi comme un concept d'une plus-valie relacional composé. Le texte fut écrit en 1982 et non fait aucune reference a quelque pays ou formation sócie-ecnomique.

Mots clés: capital de services; reproduction amplié du capital; valeur de valeur; economie politique; marxisme.

* Professor Titular do Departamento de Geografia da FFLCH da USP.

Armando Corrêa da Silva

INTRODUÇÃO

“É produtivo o trabalhador que executa trabalho produtivo, e é produtivo o trabalho que gera diretamente mais-valia, isto é, que valoriza o capital.” (MARX, K., Capítulo VI, Inédito, 1978:71)

De que capital se trata?

Do capital que dá origem à mais-valia absoluta (reprodução simples), e do capital – que supõe a existência do primeiro – que tem origem na mais-valia relativa (reprodução ampliada do capital). Suas formas são o capital comercial, o capital industrial, o capital financeiro e, relacionada a estas, a renda.

Em nenhum momento é considerado o serviço como forma de capital. O Estado, inclusive, é algo que se considera como opondo-se aos interesses do capital.

Cabe verificar se isto é correto.

A CONDIÇÃO DA REPRODUÇÃO

Considere-se o seguinte: “Chamo de mais-valia absoluta a produzida pelo prolongamento do dia de trabalho, e de mais-valia relativa a decorrente da contração do tempo de trabalho necessário e da correspondente alteração na relação quantitativa entre ambas as partes componentes da jornada de trabalho.” (MARX, K., *O Capital*, 1978: 363).

Trata-se do trabalho na indústria e é considerado o tempo de trabalho como trabalho necessário e como trabalho excedente.

Supondo-se uma jornada de trabalho de 12 horas, 10 horas serão consumidas como trabalho necessário (o equivalente do valor da força de trabalho) e, 2 horas, como trabalho excedente (que é mais-valia absoluta). Não ocorrendo a alteração do tempo de trabalho necessário, o aumento do tempo de trabalho excedente só pode se dar pelo aumento da jornada de trabalho.

Supondo-se, agora, a mesma jornada de trabalho de 12 horas, a mais-valia relativa ocorre quando há a contração do tempo de trabalho necessário e correspondente aumento do tempo de trabalho excedente. Isto é possível com o aumento da produtividade, que acontece como aumento da intensidade do trabalho, ou com a introdução, no processo produtivo, de máquinas modernas, inovações tecnológicas e combinação de processos de trabalho. Então, se o tempo de trabalho necessário se reduz a 9 horas, o tempo de trabalho excedente é de 3 horas. Isto já foi demonstrado. (Marx, K. *op. cit.*)

I. Mais-Valia Relacional ou Composta

O trabalho de serviço – operação, inspeção, controle, manutenção etc. – é uma parte do trabalho industrial, ao qual também corresponde um trabalho excedente. Que é necessário não é preciso demonstrar: e, se é produtivo, é útil. Mas, é mesmo produtivo? Ou seja, gera valor? Ou se trata de trabalho improdutivo, apenas custo necessário à produção?

A questão é demonstrar que o trabalho de serviço, que ocorre na relação entre o trabalho necessário à produção (que cria valor) e a máquina (que transfere valor à mercadoria), e que se expressa nessa relação, gera valor.

O argumento, aqui, é o de que o serviço não gera valor, como resultado direto do uso da força de trabalho, ou da máquina: o serviço é valor na relação entre a força de trabalho e a máquina.

Como medir esse valor?

O valor do serviço expressa-se como valor composto: parte tem origem no valor produzido pela força de trabalho, como valor fixado no produto; parte tem origem no valor transferido pela máquina ao produto.

É um valor relacional ou composto, ao qual correspondem um tempo de trabalho excedente relacional ou composto, que produz mais-valia relacional ou composta, a partir do tempo de trabalho necessário relacional ou composto.

Armando Corrêa da Silva

II. Reprodução Relacional ou Composta do Capital: O Serviço como Função Trabalho e Função Capital

O que é serviço? “Serviço é o efeito útil de um valor de uso, mercadoria ou trabalho.” (MARX, K., *op. cit.*, p. 217).

A reprodução simples do capital, enquanto produção contínua (“a reprodução é apenas um meio de reproduzir o valor antecipado como capital, isto é, como valor que se expande.” Marx, K., *op. cit.*, Livro 1, vol. 2, p. 660) produz mais-valia absoluta, que tem origem no capital adiantado à produção e, portanto, no trabalho inicial.

Não se trata, ainda, da produção capitalista propriamente dita. Por isso, não considero, aqui, o valor da atividade de serviço nela existente. Esse valor existe como remuneração do capital a si mesmo. O serviço é trabalho não pago, porque é condição de existência do capital.

A reprodução ampliada do capital é acumulação de mais-valia relativa que, esta, já contém a mais-valia relacional ou composta, com origem na produção de mais-valia absoluta. Trata-se, agora, de mais-valia que é o ponto de partida do capital.

Então, a mais-valia relacional ou composta só é forma desenvolvida de capital, quando a acumulação de capital atinge um estágio superior (“a mais-valia só pode ser transformada em capital porque o produto excedente, do qual ela é o valor, já contém os elementos materiais de um novo capital.” MARX, K., *op. cit.*, p. 676).

A atividade de serviço, que gera mais-valia relacional ou composta dá origem ao capital de serviço, como forma particular de capital, que se separa do capital industrial, assim que o processo produtivo o permite.

O capital-serviço organiza a produção, circulação, troca e consumo de valor de uso, mercadoria ou trabalho, como efeito útil.

O capital-serviço é uma forma superior de capital. Embora sua existência seja antiga, só se desenvolve amplamente a partir do desenvolvimento do capital industrial, no modo de produção capitalista. Então, a

reprodução relacional ou composta do capital ocorre como produção, circulação, troca e consumo de mais-valia relacional ou composta.

Qual o modo de existência do serviço?

O modo de existência do serviço é a função, como relação entre valor fixado e valor transferido. Ela existe como função técnica e se decompõe em função capital e função trabalho. A mais-valia é apropriada, portanto, como conhecimento técnico, que é o produto.

A função capital – na origem – expressa-se na máquina, que fixa valor, na produção, como técnica fixada. A função trabalho – na origem – expressa-se no edifício (necessário à produção), que transfere valor, na produção, como técnica transferida.

Por isso, a função relacional ou composta da reprodução evidencia-se – na origem – na indústria da construção e na indústria de produção de máquinas, embora depois delas se separe, dando origem a ramos autônomos do processo produtivo (produção de projetos e desenhos industriais, por exemplo). O Capital Técnico é, então, forma de realização do Capital Serviço.

III. O Capital Serviço como Produção e Consumo de Capital e Trabalho

A composição orgânica do capital, na indústria, apresenta-se como capital constante e capital variável. A forma do capital constante, como meio de trabalho (máquinas, edifícios etc.) é o capital fixo. (“O que faz de um produto capital fixo é a sua função de meio de trabalho no processo de produção.” MARX, K., *op. cit.*, Livro 2, vol. 3, p. 167).

A máquina, como meio de trabalho, transfere valor ao produto (valor fixado) e, com isso, perde valor de troca; o edifício, como meio de trabalho, transfere valor ao produto (valor transferido) e, com isso, perde valor de troca. Não se trata de movimento do capital sob a forma de uso, mas de transferência de valor. Há transferência de valor porque contribu-

Armando Corrêa da Silva

em à formação do produto, através de suas funções e entram na formação do custo de produção do produto final.

O capital serviço abrange um amplo setor da sociedade capitalista. O consumo de serviço, como capital, ocorre em muitas atividades. Considerem-se as seguintes:

Um aparelho de TV, como valor de uso, presta um serviço ao usuário, através da informação, sendo componentes da forma a imagem, o som, as cores etc.; um par de calçados, como mercadoria, presta um serviço ao usuário, fornecendo-lhe proteção, conforto, status, sendo componentes da forma a qualidade, a cor, o estilo etc.; o computador, como instrumento de trabalho, presta um serviço ao usuário, fornecendo-lhe um impresso, sendo componentes da forma o tipo, a cor, a composição etc.

Há, nesses casos, consumo de valor, valor-capital, nos dois primeiros casos, e valor-trabalho, no último, sendo o valor-capital expresso naqueles bens e o valor-trabalho neste serviço.

A administração pública registra, elabora e transmite informações públicas, e presta serviço através de comunicação pública; o planejamento público pesquisa, projeta etc., e apresenta mapas, relatórios etc.; o governo decide e informa através da comunicação pública: discursos, entrevistas, portarias, decretos, leis etc. Há consumo de valor-trabalho.

A firma de contabilidade registra, codifica e lança informações contábeis, apresentando balancetes, balanços etc.; a firma de marketing pesquisa o mercado e apresenta relatórios; a firma de computação e xerox codifica a informação, cruza dados, mapeia, faz cópias e reproduções e apresenta folhas de computação e cópias; a firma de publicidade dá forma à propaganda e apresenta anúncios, out-doors, filmes etc. Há consumo de valor-capital.

A pesquisa científica faz a descoberta científica e apresenta como resultados o artigo, o livro etc. Há consumo de valor-trabalho na instituição pública e de valor-capital na instituição privada.

A produção de serviço, como capital, ocorre também em muitas atividades. Considere-se o exemplo seguinte:

Suponha-se a atividade industrial em porto de areia, olarias e cerâmicas, produção de cal e cimento, siderurgia e metalurgia, produção de madeira industrial, produção de peças e acessórios, produção de vidros, esquadrias e tacos de madeira, produção de lajotas, produção de mármore e espelhos, produção de portas e janelas, produção de fios e quadros de eletricidade, produção de interfonos, produção de condutores etc. O serviço aparecerá na forma de inúmeras funções técnicas como técnica fixada e técnica transferida.

A demanda desses bens primários, intermediários e finais é feita, por exemplo, por uma firma ou empresa empreiteira. Ela compra essa mercadoria, adquire força de trabalho, capital-dinheiro e tecnologia, compra o terreno, prepara o terreno e produz o edifício. Trata-se da atividade de construção civil, necessária à produção de espaço e que responde por consumo de bens e serviços industriais.

Suponha-se o edifício ocupado por uma firma de elaboração de projetos, que nele tem os seus escritórios. Haverá necessidade de montagem: mobiliário e decoração, contratação de pessoal, aquisição de máquinas de escrever e objetos de trabalho diversos, artigos de escritórios etc. – para a realização da produção: pesquisa, desenhos técnicos e artísticos, relatórios etc. O edifício é, então, capital fixo, como espaço produzido e no qual ocorre a produção de serviço.

Considere-se uma firma especializada em planejamento urbano e que demanda projetos à anterior. Ela pesquisa, para isso, o mercado de habitações – por exemplo –, a preferência dos consumidores de habitação etc. Trata-se, então, do efeito útil do espaço produzido, como espaço a produzir, através do consumo de serviço.

Então, o capital-serviço, como acumulação de mais-valia relacional ou composta, é o início do processo produtivo.

A produção de serviço, como produção de meios de produção e produção de meios de consumo, evidencia-se em duas formas: produção de informação e produção de comunicação. Então, o consumo de serviço é, igualmente, consumo de informação e consumo de comunicação.

Armando Corrêa da Silva

A produção e consumo de serviço, como trabalho é a manutenção (substituição, reposição, reparo etc.) e o consumo propriamente dito, como atividade funcional técnica. O primeiro gera valor-capital, o segundo, valor-trabalho.

IV. Circulação e Troca de Valor-Serviço

1. Valor-Serviço na Circulação

A) Tempo Gasto em Compra e Venda

“... o tempo empregado na compra e venda não cria valor.” (MARX, K., *op. cit.*, p. 134). Contudo, o tempo de circulação tem um custo: é o custo necessário para converter os valores da forma mercadoria à forma dinheiro. (p. 136)

É o tempo de circulação um tempo de reprodução do capital? (“O tempo de circulação do capital constitui parte de seu tempo de reprodução, e do mesmo modo o tempo em que o capitalista compra e vende, vagueia pelo mercado, representa parte do tempo em que funciona como capitalista, como capital personificado.” pp. 132/3).

O tempo empregado na circulação é manifesto como atividade (valor contido e expresso no fazer).

Que valor é esse?

Como desempenho de capacidades e habilidades adquiridas e atribuídas esse valor é valor-serviço, como valor-trabalho e valor-capital.

A atividade de circulação do capitalista, como tempo gasto no processo de circulação, é consumo de valor-serviço, como valor-capital, como capital que o capitalista adianta a si mesmo.

A atividade de circulação do trabalhador, a serviço do capitalista (por exemplo, o boy), como tempo de trabalho necessário à circulação de

capital, é produção de valor-serviço, como valor-trabalho, do qual o capitalista se apropria, como excedente.

O valor-serviço, no modo de produção capitalista, é dispêndio de capital e apropriação do valor de força de trabalho, necessários à circulação, como conversão da forma mercadoria à forma dinheiro; como se expressa, neste caso, o excedente?

Ou, dito de outro modo, o que é o valor-serviço?

B) Contabilidade

O serviço de contabilidade, como tempo de circulação, não cria valor. (“Além do tempo empregado em compra e venda, existe o despendido na contabilidade que absorve ainda trabalho materializado em penas, tinta, papel, móveis, custos de escritório. Gasta-se portanto força de trabalho, além de meios de trabalho. O que se dá aqui é o mesmo que observamos com referência ao tempo consumido em compra e venda.” pp. 136/7).

Tempo de circulação é, aqui, tempo despendido como valor-capital (expresso em objetos como “penas, tinta”, etc) e valor-trabalho (expresso como atividade técnica de serviço). Tempo despendido é, por isso, consumo de força de trabalho e de meios de trabalho. Então, tempo despendido é tempo consumido.

Qual é o resultado do serviço de contabilidade?

A firma ou empresa de contabilidade recebe informações contábeis, e as registra, segundo um padrão contábil, definido pela natureza do processo de reprodução do capital, e apresenta como resultado o balancete, o balanço etc. Trata-se de produção de informação e comunicação técnica para consumo do capitalista, no modo de produção capitalista.

O balanço, em sua forma material de um quadro de informações, impresso, padronizado, contém valor fixado e valor transferido, como valor-capital e valor-trabalho.

A demanda de contabilidade que o capitalista faz à firma ou empresa de contabilidade, é capital que o capitalista adianta à circulação, como

Armando Corrêa da Silva

meio de realizar a conversão da forma mercadoria em forma dinheiro. Então, o balanço, em sua forma material, contém a forma mercadoria e a forma dinheiro, como técnica fixada e técnica transferida, ou seja, como informação e comunicação.

O valor do balanço contábil, como valor-serviço, é valor fixado e valor transferido. Portanto, valor composto. É um valor que existe como capacidades e habilidades da força de trabalho consumidas na produção como funções técnicas.

Ao capitalista, que demanda o balanço contábil, interessa apenas a informação e a comunicação existentes no produto final, como circulação de valor.

No entanto, ao capital serviço interessa a apropriação da mais-valia relacional ou composta, existente na relação entre a técnica fixada e a técnica transferida. Essa relação existe na função técnica e se exprime no balanço, como o produto do serviço de contabilidade.

Como se dá essa apropriação?

C) Dinheiro

O dinheiro, como tempo de circulação, não cria valor. Ao contrário, é consumo de valor. ("Ouro e prata, enquanto mercadoria-dinheiro, constituem para a sociedade custos de circulação oriundos apenas da forma social da produção. São custos improdutivos da produção. São custos improdutivos da produção de mercadorias, que crescem com o desenvolvimento da produção de mercadorias e especialmente da produção capitalista. É parte da riqueza social, que tem que ser sacrificada ao processo de circulação." p. 139)

O dinheiro, como tempo de circulação, é expressão de uma relação entre o valor-capital e o valor-trabalho, ou seja, como capital-dinheiro, posto em circulação, e como trabalho não pago (capital), posto em circulação, expressos em um produto, como valor-serviço.

O valor-serviço do dinheiro, então, é sua existência como valor fixado e valor transferido.

O valor, enquanto valor fixado e transferido do dinheiro, como tempo de circulação, só existe como valor de valor (fatura, duplicata etc.)

Ao capitalista, que demanda dinheiro, como valor de valor, só interessa sua circulação. Ao capital-serviço, contudo, o valor de valor interessa como apropriação de valor existente na relação entre o valor fixado e o valor transferido, como valor do tempo de circulação.

O que é esse valor, como valor-serviço?

2. Valor-Serviço na Conservação

A) Formação de Estoques em Geral

Como conservação, os estoques apresentam-se sob três formas: “a de capital produtivo, a de fundo de consumo individual e a de mercadorias em estoque ou de capital-mercadoria.” (p. 143).

Trata-se, aqui, do capital-mercadoria. (“Ao existir como capital-mercadoria ou ao permanecer no mercado, ao encontrar-se portanto no intervalo entre o processo de produção de onde vem e o processo de consumo para onde vai – o produto representa mercadoria em estoque. Como mercadoria no mercado e por isso em estoque, o capital-mercadoria aparece duplamente em cada ciclo: como produto-mercadoria do próprio capital em movimento cujo ciclo se observa, e como produto-mercadoria que outro capital tem de encontrar no mercado, a fim de comprá-lo e transformá-lo em capital produtivo.” p. 140-1).

A conservação importa em dispêndios de capital e trabalho. (“A existência do capital na forma de capital-mercadoria, de mercadoria em estoque, ocasiona custos que, não pertencendo à esfera de produção, figuram entre os custos de circulação.” p. 142) Os dispêndios de capital e trabalho, na conservação, ocorrem como circulação de valor-serviço, como valor-capital e valor-trabalho.

A primeira circulação de valor-serviço, como valor-capital, ocorre na indústria, como capital industrial.

Armando Corrêa da Silva

A segunda, “como produto-mercadoria do próprio capital em movimento”, ou seja, como “mercadoria no mercado”, ocorre fora da indústria, como capital serviço. Este capital serviço é quantidade, qualidade e trabalho. O valor-serviço, como valor-capital, é expresso, então, pela existência de capital fixo (armazéns, depósitos, empilhadeiras, máquinas registradoras etc), tecnologia de conservação (refrigeradores, exaustores etc.) e trabalho de conservação (empilhagem, conferência etc.). O valor fixado, como valor-capital, é o valor-serviço existente na relação de serviço.

O valor-serviço, como valor-trabalho (valor transferido), ocorre como execução de serviço.

Para o capitalista o estoque só interessa como meio de realização de mais-valia, como capital em circulação.

Ao capital serviço, contudo, o estoque interessa como realização de mais-valia relacional ou composta de que se apropria.

B) Estoque de Mercadorias Propriamente Dito

A realização de mais-valia relacional ou composta ocorre como dispêndio de trabalho e capital na estocagem. (“Os custos de estocagem abrangem: 1) redução quantitativa na massa do produto (farinha, por exemplo); 2) deterioração da qualidade; 3) trabalho materializado e vivo, exigido pela conservação do estoque.” p. 152).

É valor em circulação.

3. Valor-Serviço no Transporte

O valor-serviço, como valor em circulação, é função relacional ou composta, que se expressa como relação de relações. (“Não é mister aqui entrar em pormenores dos custos de circulação, como, por exemplo, embalagem, classificação etc. A lei geral é: todos os custos de circulação que decorrem apenas da mudança de forma da mercadoria não acrescentam a esta valor. São apenas custos para realizar o valor, para fazê-lo passar de uma forma para outra.” p. 152).

O valor-serviço, no trabalho de transporte, realiza-se no deslocamento dos valores-de-uso. (“Mas, o valor-de-uso das coisas só se realiza com seu consumo, e esse consumo pode tornar necessário o deslocamento delas, o processo adicional de produção da indústria de transporte. Assim, o capital produtivo nela aplicado acrescenta valor aos produtos transportados, formado pela transferência de valor dos meios de transporte e pelo valor adicional criado pelo trabalho de transporte. Este valor adicional se divide, como em toda produção capitalista, em reposição de salário e em mais-valia.” p. 153).

Qual sua proporção? (“A proporção de valor que os custos de transporte, não variando as demais circunstâncias, acrescentam ao preço da mercadoria, está na razão direta do volume e do peso dela.” p. 154).

O valor-capital, nos transportes, é o valor de “transferência de valor dos meios de transporte”. O valor-trabalho, nos transportes, é o valor do “valor adicional criado pelo trabalho de transporte.” O valor-serviço, nos transportes, é, então, o valor relacional ou composto (mais-valia), que se expressa como função de relação entre o valor das capacidades e habilidades despendidas ao funcionamento e movimento dos veículos, enquanto dispêndio de energia (valor-capital).

Essa função relacional ou composta, como valor-serviço, existe no processo de deslocamento do valor-de-uso. Por isso, ela se expressa como fluxo de valor-serviço, ou seja, como valor-serviço em circulação.

O valor-serviço em circulação é expresso pelo documento fiscal que acompanha os valores transportados.

O capitalista, que demanda transportes, só está interessado na circulação do produto-mercadoria enquanto capital.

O capital-serviço, contudo, interessa-se pelo valor fiscal do trabalho de transporte, de cuja mais-valia relacional ou composta se apropria.

4. Valor-Serviço no Comércio/ Capital Comercial

Como se subdivide o capital mercantil? (“O capital mercantil se subdivide em duas formas ou variedades – capital comercial e capital financeiro...” MARX, K., *op. cit.*, Livro 3, vol. 5, p. 309).

O que é o capital comercial? (“O capital comercial nada mais é do que a forma a que se converte parte desse capital de circulação que está constantemente no mercado, em via de metamorfosear-se e se situa sempre na esfera da circulação.” p. 311).

O que é o capital-mercadoria? (“O capital comercial portanto nada mais é do que o capital-mercadoria que o produtor fornece e tem de passar por processo de transformação em dinheiro, de efetuar a função de capital-mercadoria no mercado, com a diferença apenas de que essa função, em vez de ser operação acessória do produtor, surge como operação exclusiva de variedade especial de capitalistas, os comerciantes, e adquire autonomia como negócio correspondente a um investimento específico.” p. 313).

Como o capital-mercadoria se converte em capital comercial? (“Assim, o capital-mercadoria, quando capital comercial, toma a figura de uma espécie autônoma de capital, por adiantar o comerciante capital-dinheiro que só se valoriza e funciona como capital, ocupando-se exclusivamente em propiciar a metamorfose do capital-mercadoria, a função do capital-mercadoria, sua transformação em dinheiro, o que faz por meio de compra e venda contínuas de mercadorias. Efetua exclusivamente essa operação; essa atividade que propicia o processo de circulação do capital industrial é a função exclusiva do capital-dinheiro com que opera o comerciante. Com essa função transforma ele seu dinheiro em capital-dinheiro, submete D ao processo D - M - D’, e assim converte o capital-mercadoria em capital comercial.” p. 316).

Há produção de valor? (“O capital mercantil é capital que só funciona na esfera da circulação. O processo de circulação é uma fase do processo global de reprodução. Mas, no processo de circulação não se

produz valor, nem mais-valia portanto. A mesma quantidade de valor experimenta apenas mudanças de forma.” p. 323).

Não há, então, produção de mais-valia, como mais-valia absoluta ou mais-valia relativa. É possível a ocorrência de mais-valia relacional ou composta? Em outras palavras: existe no comércio o valor-serviço? Qual a sua forma?

O que acontece na compra e venda de mercadorias?

O ato de compra e venda é uma relação entre o comerciante e o vendedor, de um lado, e, de outro, uma relação entre o comerciante e o comprador.

Suponha-se uma Seção de Compras de uma firma comercial. A direção, ou encarregado, decide pela compra de um lote de mercadorias. A Seção de Compras adquire, então, no mercado, esse lote de mercadorias. O que acontece?

É acionada uma Seção de Serviço, que realiza a compra. Então, adianta-se capital-dinheiro, que se transforma em capital-mercadoria. O valor apenas muda de forma.

Suponha-se, agora, um departamento de vendas de uma firma comercial. A direção, ou encarregado, decide pela venda de um lote de mercadorias. O departamento de vendas realiza uma operação de venda desse lote de mercadorias.

O que acontece?

É acionada uma Seção de Serviço, que realiza a venda. Então, transforma-se capital-mercadoria em capital-dinheiro, acrescido de lucro. O valor muda novamente apenas de forma.

Mas, o valor muda de forma em dois momentos distintos: D - M e M - D'. Embora, o comerciante possa estar interessado na maior rapidez possível do fluxo de mercadorias, para realizar logo D - M - D', isso não ocorre, por duas razões: (1) há um dispêndio de serviço necessário à essa transformação, sob a forma de um tempo de serviço (como trabalho de

Armando Corrêa da Silva

escritório, que supõe um gasto de capital constante); e (2) a oferta e a procura não ocorrem de modo perfeitamente regular e isto produz um dispêndio de serviço, sob a forma de um tempo de serviço (como trabalho de balconistas e caixas, que supõe também um gasto de capital constante).

O dispêndio de tempo de serviço ocorre como necessidade de realizar uma dupla troca de valor-serviço, no processo de compra e venda de mercadorias. Parte do lucro do comerciante advém desse processo de dupla troca, de valor-serviço, deduzidos os dispêndios de capital constante e capital variável.

Como?

Por apropriação de mais-valia relacional ou composta, contida nessa dupla troca.

O que é essa dupla troca?

Ela se expressa como uma dupla troca de serviços: informação e comunicação necessárias à troca.

Há troca de informação e comunicação internas e externas (como tecnologia de compra e venda). Ela se expressa como (1) trabalho investido na realização da troca de informação e comunicação para a efetivação de compra e venda e (2) capital investido na realização da troca de informação e comunicação para a efetivação também de compra e venda. Então, o comerciante apropria-se de valor-serviço na compra e na venda.

Como? Ganhando na compra (quando o valor-serviço, como informação e comunicação, é resultado de uma troca desigual, desfavorável ao comprador).

Ao lucro do comércio acrescenta-se, então, a apropriação de valor-serviço.

Ao capitalista, que necessita comercializar suas mercadorias, só interessa a circulação do valor.

Ao capital serviço interessa, contudo, a mais-valia relacional ou composta de que se apropria no processo de circulação.

5. Valor-Serviço nos Bancos/ Capital Financeiro

O que é o capital financeiro? (“O dinheiro efetua movimentos puramente técnicos no processo de circulação do capital industrial e, conforme podemos acrescentar agora, do capital comercial (pois este se incumbem de parte da circulação do capital industrial, parte que se torna operação própria e peculiar do capital comercial). Esses movimentos – ao se tornarem função autônoma de um capital particular que os executa, como operações peculiares, nada mais faz além disso – transformam esse capital em capital financeiro.” p. 363).

Há geração de valor? (“Esta tarefa puramente técnica de pagar e de receber dinheiro constitui de per si trabalho que, ao servir o dinheiro de meio de pagamento, exige balanços de contas, operações de compensação. Este trabalho representa custo de circulação e não cria valor.” p. 364).

Ocorre, nessa “tarefa puramente técnica de pagar e de receber dinheiro?”, a existência de mais-valia relacional ou composta?

O que acontece com o caso do dinheiro, como produto do próprio dinheiro? (“Dinheiro – considerado aqui expressão autônoma de certa soma de valor, exista ela em dinheiro ou em mercadorias – pode na produção capitalista transformar-se em capital, quando esse valor determinado se transforma em valor que cresce, que se expande. É dinheiro produzindo lucro, isto é, capacitando o capitalista a extrair dos trabalhadores determinada quantidade de trabalho não-pago – produto excedente e mais-valia – e dela apropriar-se. Por isso, além do valor-de-uso, uso que possui o dinheiro, passa a ter outro valor-de-uso, isto é, o de funcionar como capital. Seu valor-de-uso consiste agora justamente no lucro que produz, uma vez transformado em capital. Nessa qualidade de capital potencial, de meio de produzir lucro, torna-se mercadoria, mas mercadoria de gênero peculiar. Vale dizer – o capital como capital se torna mercadoria.” p. 392).

É isso necessário? (“A conversão do dinheiro – e do valor em geral – em capital é o resultado constante, e a existência dele como capital, a condição permanente do processo capitalista de produção.” p. 436).

Armando Corrêa da Silva

Para a realização de juros, o capital financeiro tem que realizar operações técnicas de serviço. É no serviço bancário que se realiza a mais-valia relacional ou composta, como técnicas de fixar e transferir valor.

Como se converte dinheiro em capital, valor fixado? Transformando-o em papéis bancários, que representam esse valor. Como existe o dinheiro, como capital, valor transferido? Como papéis bancários em circulação. Há, então, um serviço de produção desses meios de pagamento, e um serviço de circulação dos mesmos. Por isso, são necessários, também, serviços de recebimento e pagamento em espécie (caixas), de registro das operações (contas bancárias), de registros personalizados de emissão (cheques, notas promissórias, duplicatas, papéis de empréstimo, cartões de crédito etc) e de recebimento (guias, operações de compensação etc.).

O valor serviço expressa-se, então, como tempo de serviço necessário à produção e circulação dos documentos bancários, como capital e trabalho investidos na realização das operações financeiras de informação e comunicação.

Ao juros, como parte da remuneração do capital financeiro, em seu ciclo próprio, dentro do ciclo geral, acrescenta-se, assim, apropriação de valor-serviço.

Ao capitalista, que necessita capital-dinheiro, interessa a circulação do valor. Ao capital-serviço interessa, contudo, a apropriação da mais-valia relacional ou composta existente no processo de circulação.

V. Produção e Consumo de Informação e da Comunicação como Capital Técnico

O lugar privilegiado de existência do capital técnico é a esfera de informação e comunicação, embora esteja presente em todo o processo de produção e circulação do capital.

Como forma autônoma, o capital de informação existe como serviço de produção de informações (inclui todos os produtores de informa-

ção, os veículos de informação, a difusão de informação e o consumo de informação). Como forma autônoma, o capital de comunicação existe como serviço de produção de comunicações (inclui todos os produtores de comunicação, os veículos de comunicação, a difusão da comunicação e o consumo da comunicação).

Trata-se de dois setores que, no modo de produção capitalista, estão amplamente desenvolvidos e em vias de autonomizar-se como formas de existência do capital.

O capital técnico, que se manifesta como valor-técnico na forma de know-how, constitui aspecto desenvolvido do capital-serviço.

VI. A Gênese do Monopólio Composto e o Estado

1. Capitalismo Monopolista: Concentração e Centralização do Capital

O capital individual transforma-se em capital social, ainda na fase final do período de livre concorrência. ("Queda da taxa de lucro e acumulação acelerada são apenas aspectos diferentes do mesmo processo, no sentido de que ambas expressam o desenvolvimento da produtividade. A acumulação acelera a queda da taxa de lucro, na medida em que acarreta a concentração dos trabalhos em grande escala e com isso composição mais alta do capital. A queda da taxa de lucro por sua vez acelera a concentração do capital e sua centralização, expropriando-se os capitalistas menores, tomando-se dos produtores diretos remanescentes o que ainda exista para expropriar. Assim, acelera-se a acumulação, em seu volume, embora sua taxa diminua com a queda da taxa de lucro." (MARX, K., *op. cit.*, Livro 3, vol., 4, p. 278).

A concentração de capital corresponde ao aumento da escala de produção. Esse aumento é possível pela existência de mais-valia relativa. Contudo, a centralização de capital, como combinação de capitais, só é possível com a existência de mais-valia relacional ou composta.

Armando Corrêa da Silva

Por isso, é possível a socialização e racionalização do processo de trabalho; a transformação técnica, a mudança da composição orgânica ascendente do capital e nova transformação técnica; e o controle monopolista ou semi-monopolista dos mercados. (Sweezy, P. M., 1958: 282/3).

Então, se o capitalista industrial é substituído pelo administrador do capital e transforma-se no capitalista possuidor de dinheiro, a produção transforma-se em produção da produção, através do capital financeiro. (“Concentración de la producción; monopolios que se derivan de la misma; fusión o ensambladura de los bancos con la industria: he aquí la história de la aparición del capital financiero y el contenido de dicho concepto.” LENIN, V., 1947: 60).

A combinação indústria-banco (e outras formas) é possível porque, como capital monopolista, ocorre a existência de mais-valia relacional ou composta, tanto no âmbito da indústria, como no âmbito do banco.

Se produção é consumo, e consumo é produção, existe capital, no banco, e serviço, na indústria, como existência de mais-valia relacional ou composta que é apropriada. Então, a produção da produção, como investimento, é consumo produtivo. (“Lênine acentua que a procura de mercadoria não deve ser identificada com o consumo individual; que existe também o chamado consumo produtivo, representando a procura de bens de produção, produtos da Seção I e provocada pelas despesas das firmas capitalistas para a aquisição de máquinas, de edifícios, de matérias primas e instalações necessárias à sua atividade etc. Aliás, esta pode crescer, e cresce efetivamente mais depressa do que aquela; em certa medida, o consumo produtivo (= atividade de investimentos) é ‘independente’ do consumo individual, mesmo se é uma forma limitada de ‘independência’ ”. DOBB, M., 1957: 55/6).

O capital monopolista é, assim, a forma que assume o capital, como capital simples ou capital composto, ocorrendo continuamente produção de valor e transferência de valor, primeiro como mais-valia relativa e, depois, como mais-valia relacional ou composta.

É possível, portanto, a existência do monopólio simples, como mo-

mento inicial de formação do monopólio, por concentração de capital. O monopólio composto só pode surgir a partir da existência do primeiro. Ele existe como combinação – centralização – de monopólios.

2. O Monopólio Composto e o Estado

A produção de mais-valia relacional ou composta, no âmbito do estado, é antiga. No capitalismo ela vai caracterizar o Estado capitalista. O Estado capitalista, na livre concorrência, pouco interfere no mercado. O Estado capitalista monopolista é possível, quando, com a existência do monopólio simples, ocorre a intervenção no mercado. A existência do capitalismo monopolista de Estado (CME) ocorre quando do advento do monopólio composto, o conglomerado, ocorrendo o controle do mercado.

Na medida em que o capitalismo – da fase anterior em que a produção determina o consumo (estudada por Marx) – passa à fase em que o consumo determina a produção, como investimento (estudada, por exemplo, por KALECKI, M., 1980, *Crescimento e Ciclo das Economias Capitalistas*), o Estado passa a ser a forma, para o capitalista individual ou coletivo, de realização da produção capitalista, como reprodução do valor, ou seja, como produção do valor do valor em forma ampliada composta, como acumulação de mais-valia relacional ou composta.

CONCLUSÃO

A análise precedente demonstra que a mais-valia relacional ou composta existe desde o período inicial da formação do modo de produção capitalista. Mas, só em condições desenvolvidas de reprodução ampliada pode dar origem ao surgimento autônomo do capital de serviços e, a partir deste, do capital técnico. Não obstante, o modo atual de acumulação inicia-se com o investimento prévio em capital de informação e capital de comunicação.

Armando Corrêa da Silva

Nesse caso, argumenta-se aqui, que é a reprodução ampliada relacional e composta aquela que dá origem ao monopólio, em suas formas simples e composta e, na versão mais recente, ao conglomerado.

Esta análise, da determinação de valor do monopólio, por sua gênese interna, explica a expansão para dentro do capitalismo, em suas formas de ocorrência atuais.

Bibliografia

- MARX, K. *O Capital*. Trad. Eduardo Sucupira Filho e Revisão de Célia Regina de Andrade Bruni. Livro I, Capítulo VI, Inédito. São Paulo, 1978. (Ciências Humanas)
- _____. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.
- SWEEZY, P. M. *Teoría del desarrollo capitalista*. Trad. Hernán Laborde. México, Fondo de Cultura Económica, 1958.
- LENIN, V. *El Imperialismo, Fase Superior del Capitalismo*. Moscu., Ediciones em Lenguas Extranjeras, 1947.
- DOBB, M. "Changes in capitalism since the Second World War. Marxism today". In: *Aspectos do capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Felman-Rêgo, 1957. (p. 79-85)
- KALECKI, M. *Crescimento e ciclo das economias capitalistas*. Trad. Jorge Miglioli. 2ª ed. São Paulo, Hucitec, 1980.